

---

# O sítio da Quinta de Marim (Olhão) na época tardo-romana e o problema da localização da *Statio Sacra*<sup>1</sup>

DENNIS GRAEN

## R E S U M O

Desde o século XIX que tem vindo a ser discutido se o sítio/nome *Statio Sacra*, mencionado pelo chamado Anónimo de Ravena no século VII, localizado entre os *municipia* de Ossónoba (Faro) e Balsa (perto de Tavira), pode ser relacionado com o sítio arqueológico da Quinta de Marim. Aqui, no século XIX, foram descobertos uma *villa* romana com edifícios principais e secundários e um vasto cemitério. A interpretação dos esboços realizados por Estácio da Veiga e Santos Rocha, bem como as análises efectuadas a alguns achados, legitimam a conclusão de que podemos estar perante uma basílica paleocristã, de dimensões consideráveis, na área da Quinta de Marim. A comparação com a *Isola Sacra*, perto de Roma, leva-nos a acreditar que o sítio/nome *Statio Sacra* estará relacionado com um cemitério, um centro religioso, ou uma igreja, podendo o sítio da Quinta de Marim ser enquadrado neste contexto.

## A B S T R A C T

Since the 19th century it has been discussed if the place-name *Statio Sacra*, mentioned by an anonymous geographer from Ravenna from the 7th century for a place between the *municipia* of Ossonoba (Faro) and Balsa (near Tavira), can be related with the archaeological site at Quinta de Marim. There, in the 19th century, have been discovered not just a Roman *villa* site with main and secondary buildings, but also an extensive cemetery. The interpretation of historical sketches, drawn by Estácio da Veiga and Santos Rocha, as well as the analysis of some finds, lead to the conclusion that we must count with a considerable Early Christian basilica in the area of Quinta de Marim. Parallels with the *Isola Sacra* near Rome make believe that the place-name *Statio Sacra* relates with an important cemetery, a religious centre or a church, and therefore most probably stands for the site of Quinta de Marim.

O sítio arqueológico de Quinta de Marim está localizado no extremo sul da província da Lusitânia, a meio caminho entre os antigos *municipia* de Ossonoba e Balsa, na actual Estrada Nacional 125, presumivelmente uma antiga via, documentada através do achado de um marco miliário do século I, em Bias do Sul, que marcava talvez a fronteira entre os dois territórios municipais (Mantas, 1997a, p. 299, 1997b; Rodrigues e Bernardes, 2003). Estácio da Veiga era da opinião que o sítio podia ser identificado com a *Statio Sacra*, mencionada na *Cosmographia* do Anónimo de Ravena, do século VII. Leite de Vasconcellos, por outro lado, localizava o sítio no *Promontorium Sacrum*, isto é, no Cabo de São Vicente (Veiga, 1887, p. 390-391; Vasconcellos, 1905, p. 198; Roldán Hervás, 1975, p. 269). Antonio Tovar considerava que o nome tinha tido origem na Antiguidade Tardia ou na época bizantina, pelo facto de, em fontes mais antigas, como o *Itinerarium Antoninum*, o sítio ainda não vir catalogado. Jorge de Alarcão retomou recentemente esta ideia, tentando sustentá-la com novos argumentos (Alarcão, 2005, p. 301-303). Este arqueólogo — caso esteja correcta a tese de que a origem do nome remetia para o período tardo-antigo/bizantino — acredita que o adjectivo *sacra* poderia neste caso significar “imperial” e, portanto, remeter para um sítio com função fiscal, uma base militar ou um porto. Caso se trate de uma *statio* no sentido de uma estação viária do período imperial (*mutatio*), o nome teria cabimento, segundo Alarcão, se estivesse relacionado com um santuário rural.

As várias construções descobertas e desenhadas por Estácio da Veiga na Quinta de Marim (Fig. 1) têm sido interpretadas como restos de um grande complexo dum *villa romana*. C. Tavares da Silva pôde, no final dos anos 80 do século passado, explorar uma instalação de produção de *garum* no vizinho Parque Natural da Ria Formosa, a poucos metros da orla marítima, local que

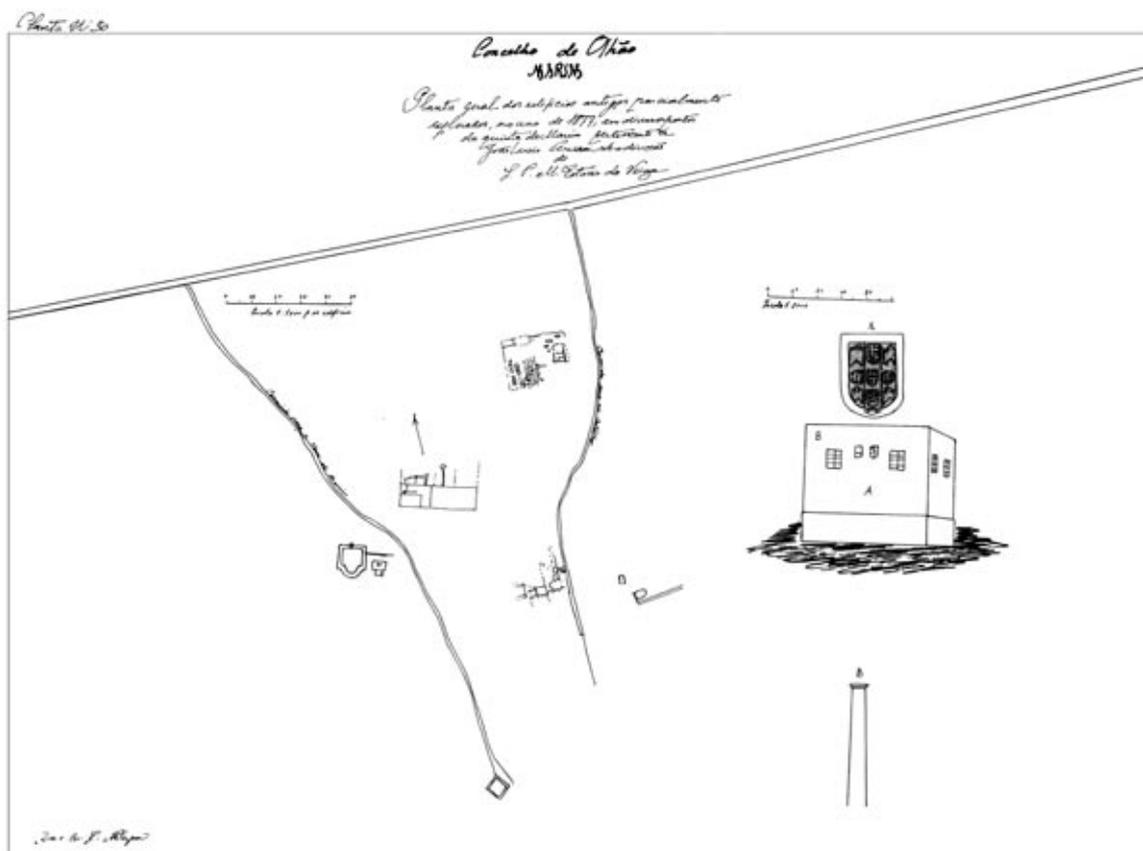


Fig. 1 O sítio romano da Quinta de Marim (Olhão). Esboço de Estácio da Veiga (1877).

fora utilizado desde o fim do século I até ao fim do século III (Silva, Soares e Coelho-Soares, 1992); aqui, apesar de não ter ficado arqueologicamente provado, poderá ter existido um pequeno porto, destinado à exportação de *garum*. Contudo, tanto a cronologia como as reduzidas dimensões dos vestígios contradizem a tese do porto bizantino postulada por Alarcão.

Mais recentemente, este complexo, conhecido desde os trabalhos de Estácio da Veiga, mas novamente aterrado no século passado, foi analisado juntamente com a construção absidal sob a direcção do autor deste artigo (Graen, 2004, 2005a, 2005b, Fig. 2). Deste modo, pôde ser confirmada a grande afinidade tipológica e cronológica existente entre a edificação absidal e as duas construções de Milreu e São Cucufate, até aqui consideradas como “templos”. Além disso, por falta de documentos que sustentassem a tese de um santuário, e sobretudo pelas comparações tipológicas das construções, pôde ser comprovada a sua interpretação como mausoléu. Também a edificação quadrada contígua consiste seguramente num monumento sepulcral, talvez uma *aedicula* ou uma espécie de torre sepulcral pertencente ao primeiro período imperial. Ambas as edificações funerárias pertenciam muito provavelmente aos donos da *villa*, situada a cerca de 50 m de distância a noroeste do complexo analisado. A suposição de que aqui existia um santuário rural na época romana, que justificaria o nome *statio sacra*, não pôde, por conseguinte, ser confirmada através da investigação arqueológica.

Também a interpretação dos outros edifícios explorados em 1877 é mais do que incerta. Observando algumas das estruturas arqueológicas desenhadas por Estácio da Veiga no esboço designado com o número 26 D (Fig. 3), são visíveis alguns detalhes que suscitam dúvidas acerca da sua interpretação como balneário (Santos, 1972, p. 264). No esboço, são reproduzidas diversas estruturas que mostram uma ou mais absides. As estruturas absidais são claramente desconecta-

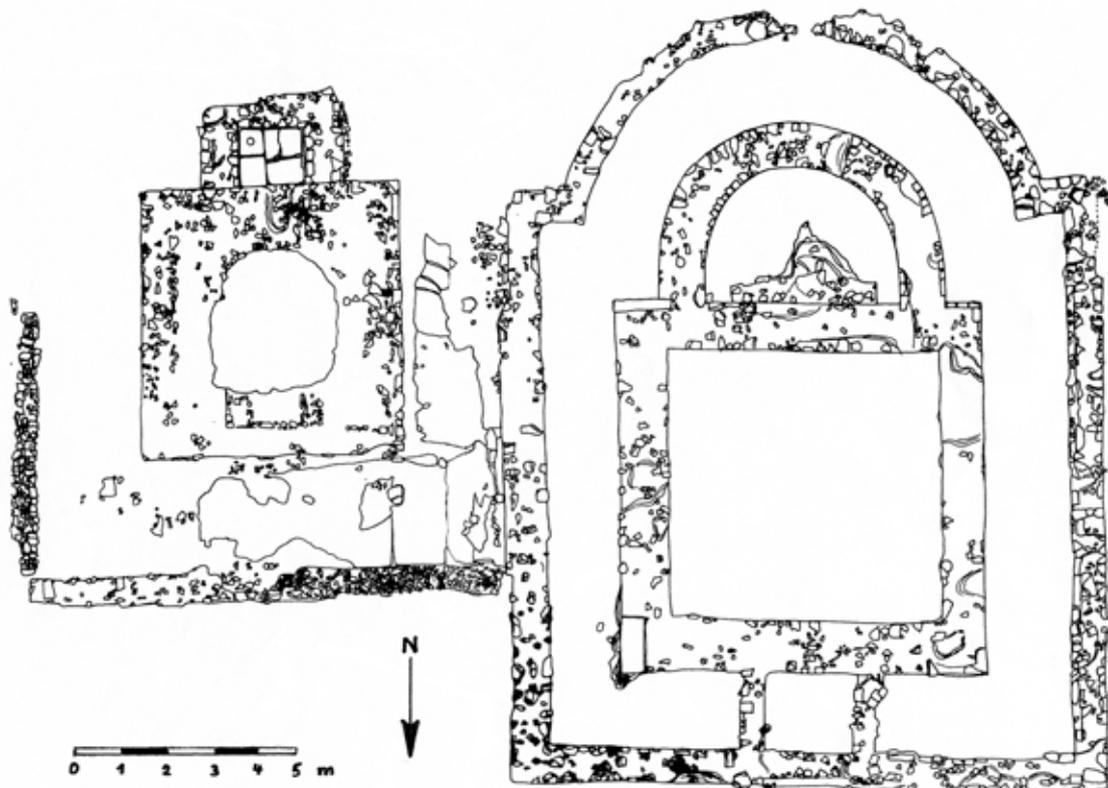


Fig. 2 Mausoléu do proprietário da *villa* romana da Quinta de Marim. Planta do autor.

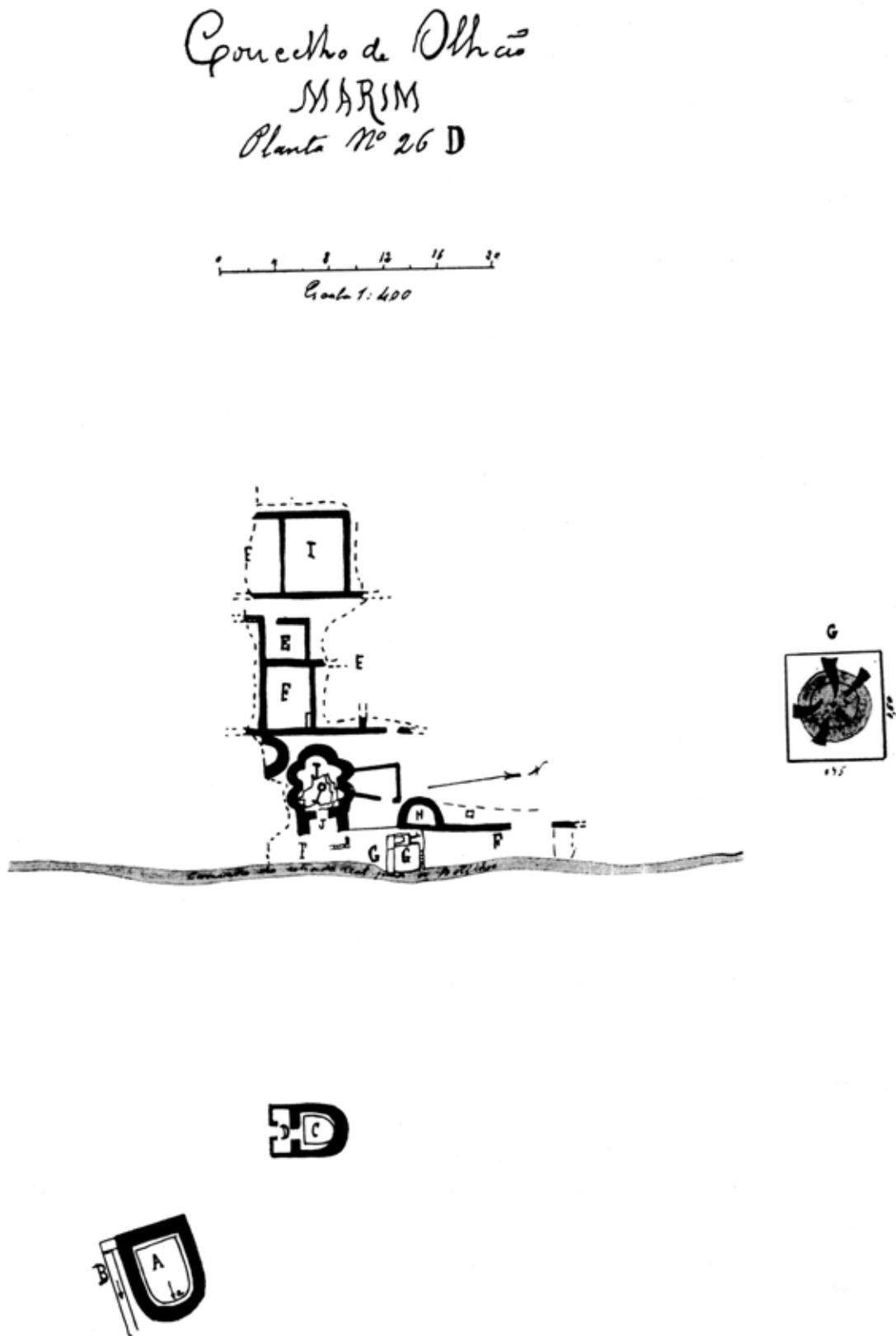


Fig. 3 Planta n.º 26 D: uma necrópole com mausoléus paleocristãos? Esboço de Estácio da Veiga (1877).

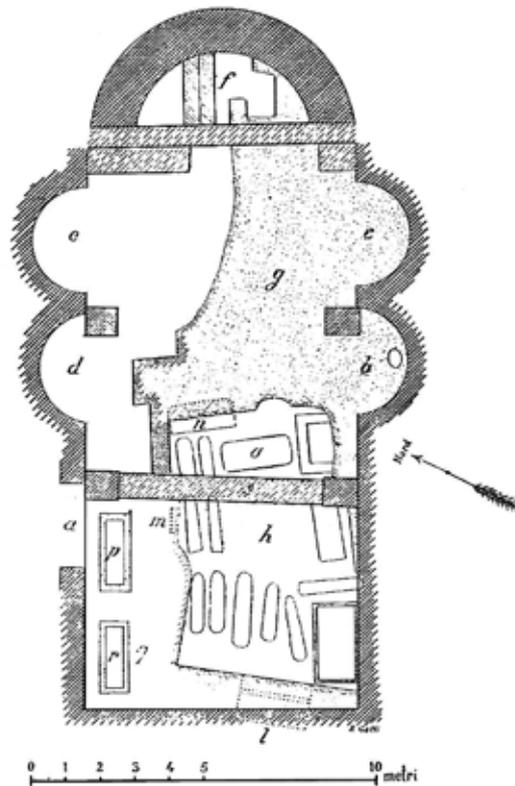


Fig. 4 Planta de um mausoléu paleocristão na necrópole de S. Ciríaco na Via Ostiense, perto de Roma, por F. Fornari.

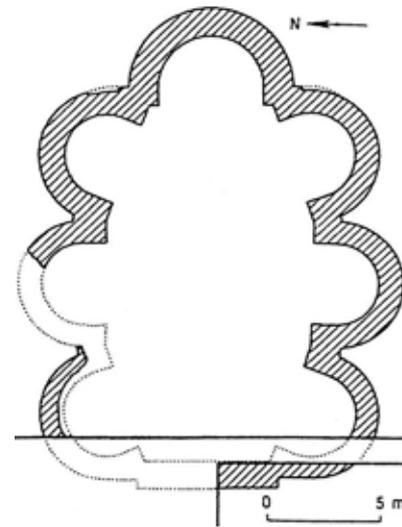


Fig. 5 Planta de um mausoléu numa necrópole paleocristã perto de Sopiana (Pécs, Hungria), por F. Fülep.

das entre si e consequentemente não podem pertencer às termas, mas a edifícios independentes. O edifício marcado com J configura um *pentakonchos* de 4 m x 6 m aproximadamente, possuindo um *narthex* no lado este. Uma construção quase idêntica (Fig. 4) integra a necrópole de S. Ciríaco, na 7.<sup>a</sup> milha da Via Ostiense, nos arredores de Roma (Graen, 2005, p. 266, Fig. 12). No interior deste edifício, foram encontradas durante a escavação mais de uma dúzia de sepulturas, que, por meio de moedas, podem ser datadas dos séculos IV e V d.C. (Fornari, 1906, p. 134-135). Um outro edifício funerário similar (Fig. 5), projectado, porém, como *cella septichora*, encontra-se numa necrópole perto da catedral de Pécs, na Hungria (Fülep, 1984, p. 57). De igual modo, este edifício — também orientado oeste-leste e datável do século IV ou V — pode ser considerado como o mausoléu dum bispo, um clérigo ou mártir, podendo ser sugeridas para a *cella pentachora* da Quinta de Marim uma datação e uma interpretação similares.

As outras duas construções absidais que se encontram desenhadas na planta de Estácio da Veiga mais a leste da *cella pentachora*, e que são marcadas com as letras A/B e C/D (com *narthex*), podem ser interpretadas do mesmo modo como edifícios sepulcrais. Construções similares existem em todo o Império Romano, por exemplo perto de S. Sebastião ou da basílica dos Santos Marcelino e Pedro em Roma (Guyon, 1987; Brandenburg, 2004, p. 265, Fig. 3, 268, Fig. 6) ou em Sopiana/Pécs (Fülep, 1984, p. 87), que datam de meados e finais do século IV d.C. Segundo parece, temos pelo menos três edifícios sepulcrais com arquitectura representativa do período paleocristão na Quinta de Marim, não obstante a ausência de dados arqueológicos mais exactos.

Desde as escavações de 1877 que se conhecem dezassete lápides funerárias, algumas ainda não publicadas, da Quinta de Marim (Santos, 1972, p. 249-261). Grande parte delas foi datada

Concelho de Olhã  
 Marim  
 Planta Nº 30A

0 2 4 6 8 10  
 Escala 1:200

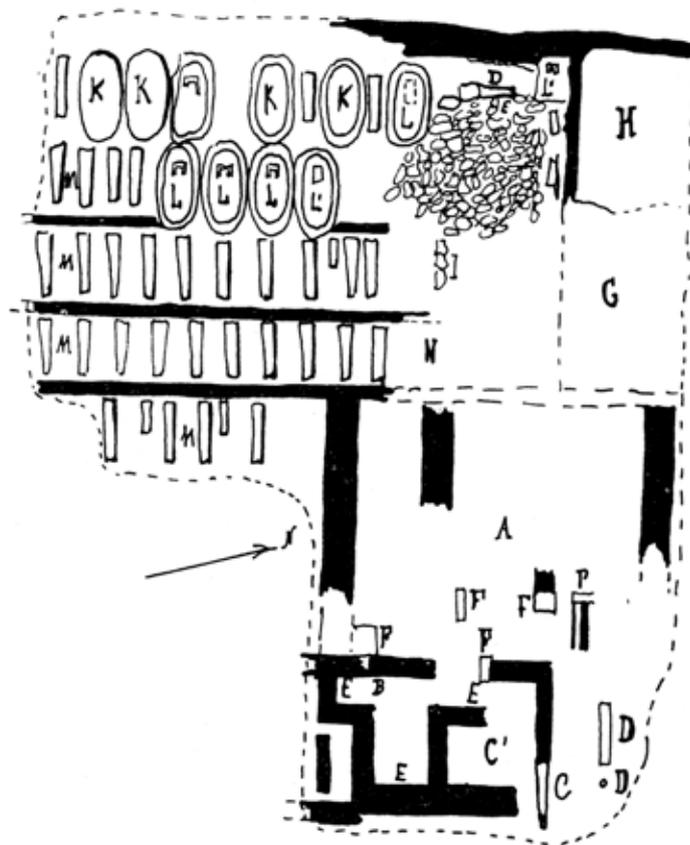


Fig. 6 Planta da necrópole paleocristã na Quinta de Marim: uma basílica? Esboço de Estácio da Veiga (1877).

entre os séculos II e III, através da análise epigráfica, estando relacionadas com escravos e *liberti* (Encarnação, 1984, p. 81-101, 1991). Alguns dos epitáfios exibem formulações que só podem ter tido uma origem cristã. O local exacto da descoberta destas lápides permanece desconhecido. Um altar funerário, encontrado por ocasião da construção de um arruamento, em 1985, hoje no museu da Cidade de Olhão, aponta, contudo, para uma localização da necrópole na área norte.

Com base num esboço de Estácio da Veiga e a partir de anotações dos diários de A. dos Santos Rocha, é possível reconstruir a existência de uma necrópole a norte deste sítio. O desenho identificado com o “N.º 30 A”, ainda não publicado (Fig. 6), realizado por incumbência de Estácio da Veiga e à guarda do Museu Nacional de Arqueologia, mostra uma área escavada em forma de “L”, na qual aparecem duas asas na construção, uma a oeste e outra a leste, assentes perpendicularmente entre si. Na parte mais longa, a oeste, estão registadas figuras redondas e trapezoidais, dispostas umas sobre as outras em quatro fileiras, separadas entre si por muros, que podem, com certa segurança, ser interpretadas como covas funerárias. Na ponta a noroeste desta ala do edifício, regista-se um arranjo de pedras, talvez um calçamento. A disposição das sepulturas desenhadas não parece adequar-se às conhecidas lápides pagãs, adequando-se melhor à organização que apresentam nas igrejas do período paleocristão da região. Um dos melhores exemplos de comparação oferece a basílica situada junto à *villa* romana de Torre de Palma (Alentejo), do século VI, à qual, no início do século seguinte, foi adicionado, na perpendicular à longa nave, um edifício-anexo para a instalação de um baptistério (Fig. 7). Distribuídas sob a basílica, encontram-se também numerosas sepulturas (Almeida, 1972-1974, p. 103-112; Ulbert, 1978, p. 92-105; Schlunk e Hauschild, 1978, p. 172-175). Uma situação de enterramento análoga conhece-se, por exemplo, nas necrópo-

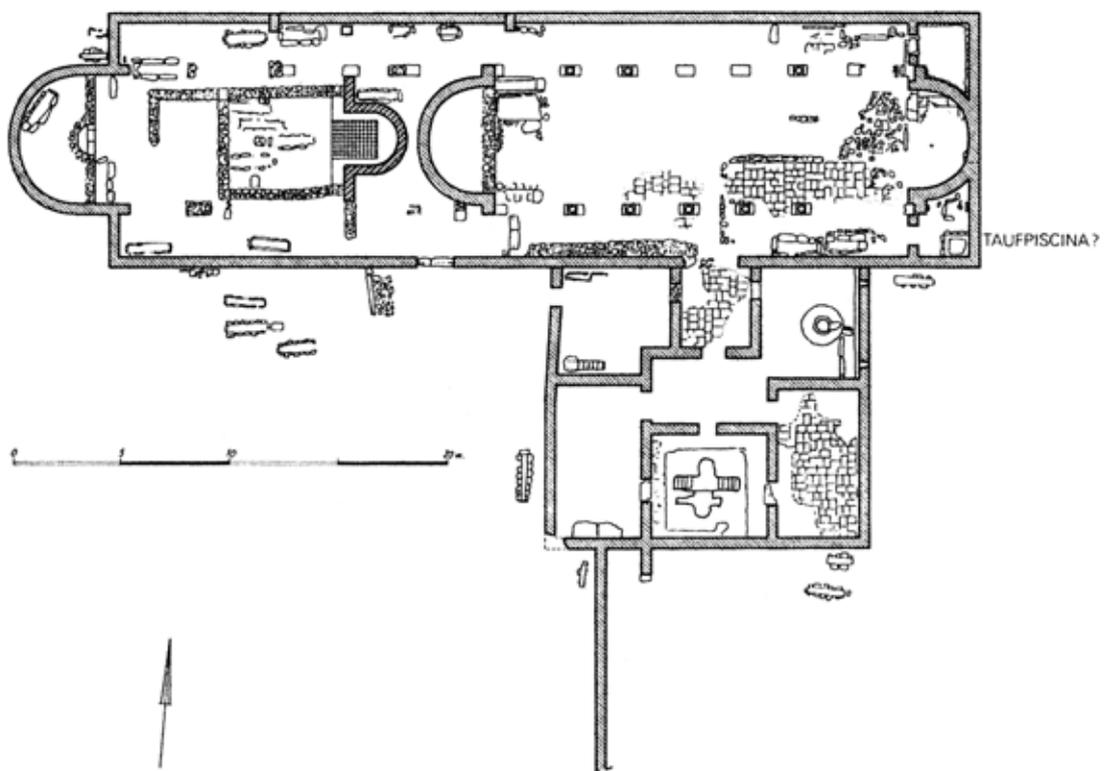


Fig. 7 Basílica paleocristã de Torre de Palma (Alentejo). Planta segundo F. de Almeida.

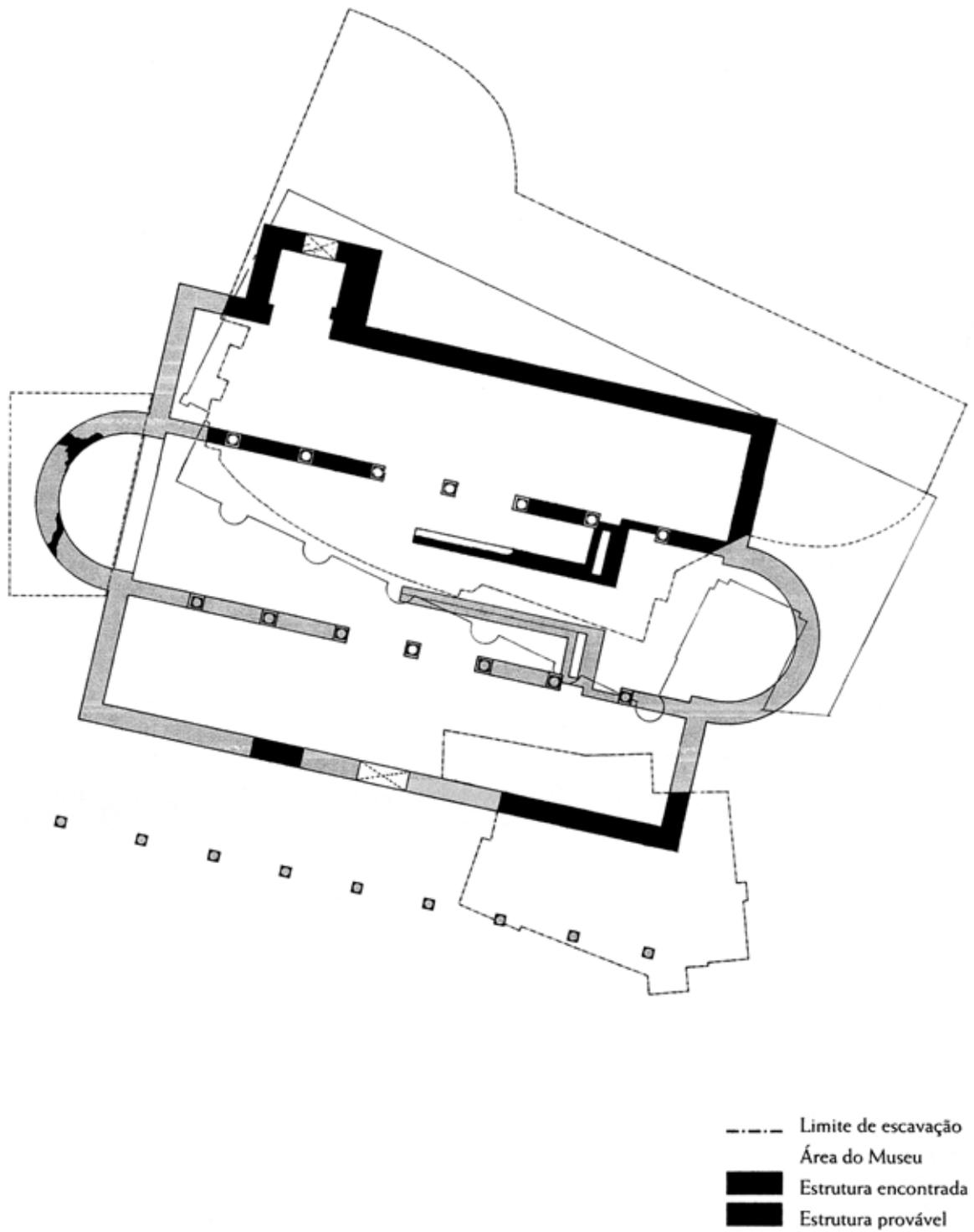


Fig. 8 Basílica paleocristã de Mértola (Alentejo). Planta segundo C. Torres.

les das igrejas de Mértola (Alentejo, Fig. 8), Casa Herrera (Badajoz), Gerena (Sevilha) ou de El Germo (Córdova) (Schlunk e Hauschild, 1978; Ulbert, 1978; Torres, 1993a; Maciel, 1996, p. 172-183; Schattner, 1998, p. 190, n.º 284). Além disso, verificou-se, em todos os cemitérios e igrejas-necrópoles de maiores dimensões, datáveis dos séculos VI-VIII, que as mesmas mostram uma afinidade considerável com sítios romanos — o que também se aplica às sepulturas das populações indígenas e dos imigrantes germânicos (Ebel-Zepezauer, 2000, p. 132; Flörchinger, 1998, p. 86-90). W. Ebel-Zepezauer demonstrou insistentemente que os edifícios apenas documentados em necrópoles hispano-romanas e utilizados durante o período de ocupação possuíam uma função sagrada. As sepulturas concentram-se neste contexto primordialmente no coro. Por isso, há motivos para supor que, em Marim, também estamos perante uma igreja com necrópole do período paleocristão, donde provêm igualmente, por exemplo, os sete fragmentos de lápides cristãs de mármore branco que Estácio da Veiga registou no inventário do Museu do Algarve<sup>2</sup>. Ainda em Marim, as

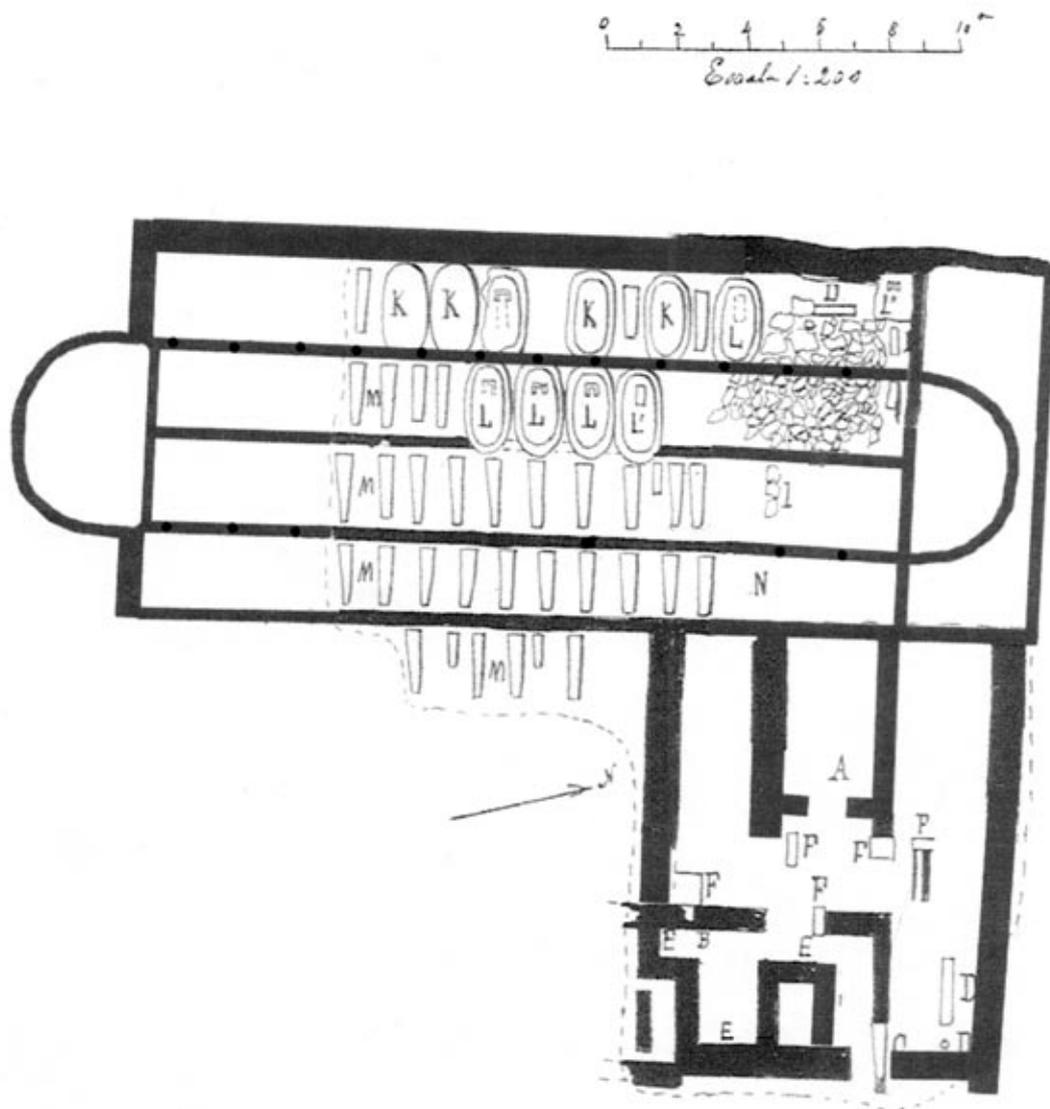


Fig. 9 Reconstituição das estruturas no esboço n.º 30 A de Estácio da Veiga como igreja paleocristã, elaborada pelo autor.



Fig. 10 Capitel do século VI/VII d.C., achado na área norte da Quinta de Marim.

própria na lei eclesiástica, sendo por isso sepultadas separadamente ou em regiões especiais (Flörchinger, 1998, p. 77)<sup>4</sup>. Em Marim, duas das três supostas sepulturas infantis localizavam-se fora da igreja — caso a reconstituição hipotética do esboço por mim apresentada esteja correcta (Fig. 9). Ao que tudo indica, tratar-se-á de uma construção dividida numa nave principal e em duas laterais, com duplo coro. As absides, opostas uma à outra nas duas extremidades, são meramente hipotéticas, mas ocorrem na maioria das construções contemporâneas do Sudoeste da Península Ibérica<sup>5</sup>. Um vestígio da construção desta igreja poderia ser um capitel que foi descoberto há alguns anos no sector norte da Quinta de Marim. Trata-se de um capitel elaborado esquematicamente, em folha plena, de mármore de Trigaches, cuja florescência do ábaco sobre um longo caule está mais estilizado que o tipo clássico, apresentando a forma de ramo de flores (Fig. 10). A peça, provavelmente dos séculos VI ou VII, pode ser comparada com exemplares do Sul do Alentejo (Torres, 1993a, p. 47 n.º 17, 1993b, p. 100 n.º 31). Em última instância, o capitel mostra-nos que devemos ter em conta que, em Marim, estamos perante uma aparatosa construção do período bizantino-visigótico — sendo mais importante notar que se trata aqui de uma construção sacra. Das descobertas na Quinta de Marim, Estácio da Veiga resgatou diversas ofertas fúnebres, na sua maioria artefactos metálicos<sup>6</sup>. Estas oferendas fúnebres são típicas das necrópoles do período tardo-romano/visigótico (séculos VI e VII), como mostram as comparações de inventários sepulcrais do sudoeste da Península Ibérica (Flörchinger, 1998, p. 7; Sasse, 2000, p. 59).

As sepulturas, descobertas e catalogadas num esboço (Fig. 11) por A. dos Santos Rocha, em 1894, encontram-se aproximadamente a 200 m de distância a oeste da necrópole encontrada por Estácio da Veiga, pelo que pertencem provavelmente (também em consequência da pequena quantidade de sepulturas) ainda ao mesmo cemitério tardo-romano/visigótico. As sepulturas, das quais

sepulturas parecem concentrar-se no coro — caso esteja correcta a interpretação de que a parte oeste e longa da construção configuram o coro da basílica. Para a necrópole visigótica de El Carpio del Tajo (Torrijos, Toledo), B. Sasse-Kunst observou que todas as covas são trapeziformes e que a extremidade mais larga das mesmas se orienta a oeste e a estreita, a leste (Sasse, 2000, p. 9). Esta orientação leste-oeste no processo de enterramento é também muito vulgar na maioria das sepulturas romanas das igrejas-necrópoles do Sul de Espanha. Astrid Flörchinger relaciona o facto de estas sepulturas estarem dispostas na direcção a leste com a propagação do Cristianismo na Península Ibérica desde a Antiguidade Tardia (Flörchinger, 1998, p. 64)<sup>3</sup>. Também encontramos a mesma disposição leste-oeste em Marim. Do desenho de 1877 pode-se concluir que, ao que tudo indica, se achavam sob as covas algumas sepulturas infantis, representadas um pouco mais pequenas no desenho. Contudo, as crianças desempenham, possivelmente, segundo A. Flörchinger, uma função

existem esboços, orientam-se na direcção noroeste-sudeste. As quatro sepulturas consistiam em covas rectangulares e trapezoidais, revestidas por argamassa (*opus signinum?*) e com 0,5 m de profundidade. Somente duas das sepulturas possuíam paredes ladrilhadas, e o pavimento era constituído apenas por terra batida. Os mortos foram sepultados provavelmente em urnas de madeira ou em tábuas (Flörchinger, 1998, p. 74). Os pregos de ferro exumados nas sepulturas, bem como a maioria dos achados acidentais dessa área pertencem com certeza a essas urnas de madeira (Martínez Santa Olalla, 1932, p. 11; Sasse, 2000, p. 10). Todas as sepulturas continham ainda restos osteológicos<sup>7</sup>.

Em algumas sepulturas, encontravam-se uma espécie de apoios para a cabeça; como podem ser atestadas no esboço de Estácio da Veiga nas sepulturas ovais, marcadas em “L”. Semelhantes elementos e composições de pedra para a estabilidade da cabeça são também conhecidos em algumas outras necrópoles (Gallart et al., 1991, Figs. 12, 13, 22, 23, 26). Uma sepultura foi coberta, segundo as constatações de Santos Rocha, com quatro lápides, com os epitáfios virados para baixo e fixados com argamassa; pode-se aqui partir do pressuposto de que as lápides de outros sepultamentos foram reutilizadas. As quatro lápides mencionadas devem ser as duas estelas duplas dos séculos II e III, que estão no museu de Figueira da Foz (Encarnação, 1993-1994). As sepulturas descobertas por Santos Rocha datam seguramente de um período mais recente. Talvez elas também provenham da época romano-visigótica, como indica o seu inventário extremamente parco (Flörchinger, 1998, p. 79; Ebel-Zapezauer, 2000; Sasse, 2000, p. 13). Em muitas regiões do (ex-)Império Romano pode-se reconhecer, durante o século V, a abdição do costume de se enterrar pessoas com objectos, havendo porém um ressurgimento da prática no século VI<sup>8</sup>.

O sítio de sepultamento dos *servi* e *liberti* da Quinta de Marim localiza-se portanto longe dos mausoléus dos *domini*. Podemos deduzir ainda que a descoberta das duas lápides de *Chrysantus* e



Fig. 11 Sepulturas na área da Quinta de Marim, esboço de Santos Rocha (1894).

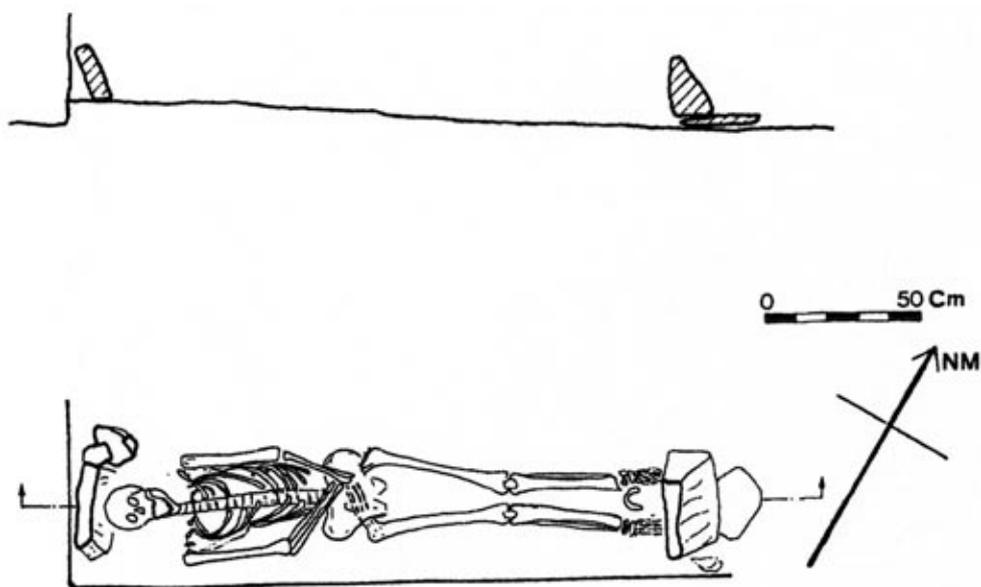


Fig. 12 Sepultura com apoio para a cabeça, na basílica paleocristã de Sant Martí de Lleida (Espanha).

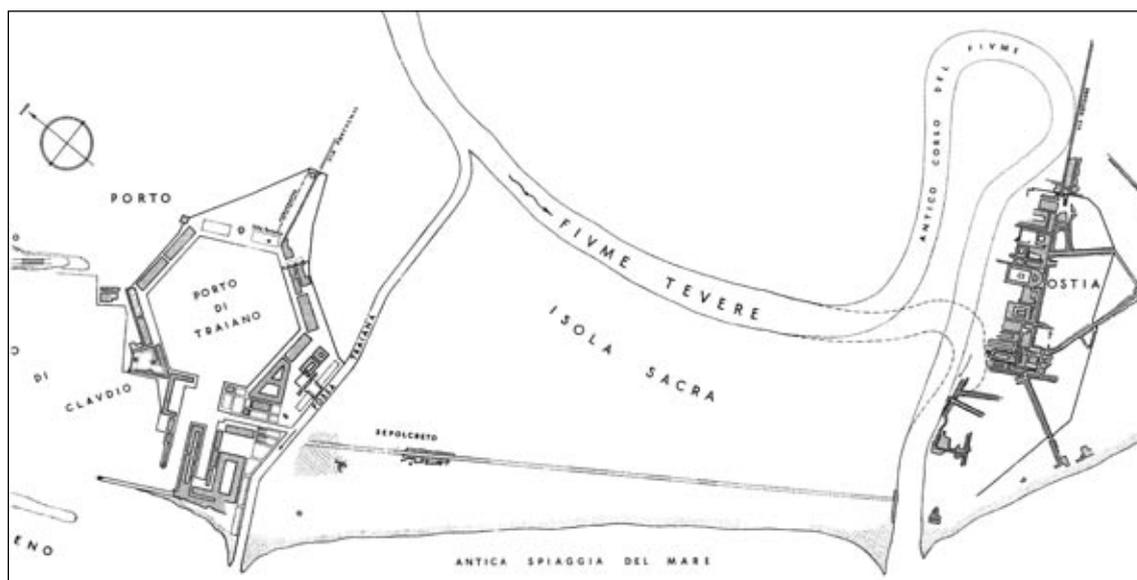


Fig. 13 Planta da *Isola Sacra* perto de Portus/Ostia (Itália).

de *Fabia Macia* (no museu da Cidade de Olhão) está associada a uma necrópole a norte da *villa*, próxima da estrada actual (e antiga?). Somente no período paleocristão é que os sítios de sepultamento se agrupam numa grande basílica na zona norte. Agora, conforme a tradição cristã, unem-se dono e servo na morte, anulando-se assim, pelo menos em relação ao sepultamento, as barreiras sociais: somente a proximidade da eucaristia parece representar um critério importante para a escolha do sítio de sepultamento.

Voltamos agora então à questão colocada no início deste artigo: o sítio da Quinta de Marim é de facto idêntico ao sítio nomeado como *Statio Sacra* pelo *Anónimo de Ravena* entre Ossonoba e Balsa? Como a descoberta aqui descrita nos está a mostrar, há, no século VII — portanto, o período

em que surgiu o escrito do Ravenate —, uma construção sacra de dimensões significativas na área da (ex?)*villa* romana de Quinta de Marim, ligada a um cemitério maior, cuja existência se pode reportar na história até ao século II.

Não há muitos sítios no Império Romano que levam o adjectivo “*sacrum/sacra*” nos seus nomes. Um deles é por exemplo o *Promontorium Sacrum* (Cabo de São Vicente), onde, no período pré-romano, já existia um santuário (Vasconcellos, 1905; Barata, 1997; Guerra, 2002). Outro sítio aparece numa fonte do século VI (*Procopius, De bello gothico I*, 26). Trata-se aqui da *Isola Sacra* (Ἱερα νῆσος), ilha do Rio Tibre, a oeste de Roma (Fig. 13), na qual se localizavam, na época de Procópio, não só a necrópole do período imperial das cidades de *Portus* e *Ostia* — agora em grande parte asso- reada —, mas também edificações para cultos do período paleocristão, designadamente uma grande basílica dedicada ao bispo e mártir portuense Hipólito (Pani Ermini, 1979). O adjectivo *sacra* qualifica, portanto, neste caso, uma necrópole ou uma igreja (Calza, 1940, p. 15; Baldassare, 1996, p. 4). Os paralelos entre a *Isola Sacra* e a necrópole-igreja na Quinta de Marim, aqui apresen- tada, e a denominação *Statio Sacra* parecem-me não ser obra do acaso, tanto mais que estamos no mesmo horizonte cronológico (séculos VI e VII). Este deverá ser mais um argumento a ter em conta na identificação do sítio arqueológico da Quinta de Marim — que, no período tardo-romano/ bizantino, deverá ter sido um importante centro religioso — com a *Statio Sacra*.

## NOTAS

- 1 Dennis Graen, Friedrich-Schiller-Universität Jena, Institut für Altertumswissenschaften, Klassische Archäologie, Fürstengraben 1, D – 07743 Jena, Alemanha  
E-mail: dennis.graen@gmx.de.  
O presente texto foi traduzido e corrigido por Marcelo Correia da Silva (Universidade de Jena), Ana Pratas e Filipe Henriques (Museu de Cerro da Vila).
- 2 Segundo dados do inventário de Estácio da Veiga, foram achadas na área do cemitério cristão quatro lápides do período paleocristão com epitáfios. Estes epitáfios, porém, já não são localizáveis.
- 3 Ela cita apenas uma única sepultura que foi disposta no sentido contrário, proveniente de Gerena (Sevilha), que representa um fenómeno inexplicável e único. As sepulturas dispostas no sentido norte-sul e vice-versa (13% do total) formam uma excepção pela situação arquitectónica e pela orientação relativamente à construção.
- 4 Esta hipótese, porém, não pode ser comprovada pela autora, pois, para este fenómeno, ela só menciona a necrópole de Casa Herrera; o achado parece ser único. Ela afirma que “a profusão de sepulturas infantis em igrejas não é corroborada noutras necrópoles. Portanto, os contextos aqui apresentados não podem ser provados”.
- 5 Para a reconstrução hipotética do esboço de 1877, orientei-me pelas Basílicas de Torre de Palma (Alentejo), Mértola (Alentejo), Casa Herrera (Badajoz) e Gerena (Sevilha), todas elas datadas dos séculos VI e VII.
- 6 Os achados encontram-se no Museu Nacional de Arqueologia, e de momento estão a ser analisadas pelo autor deste artigo.
- 7 Alguns ossos e objectos de metal, que hipoteticamente coincidem com os descritos acima, estão no museu de Figueira da Foz.
- 8 O fenómeno fundamenta-se na expansão do cristianismo no decorrer dos séculos IV e V e no aparecimento dos Germanos durante o século VI, que ainda praticavam esse costume (Bonomi, 1964, p. 169, 1992, p. 70; Riemer, 1992, p. 181; Flörchinger, 1998, p. 88).

## BIBLIOGRAFIA

- ALARCÃO, J. de (2005) - Notas de arqueologia, epigrafia e toponímia III. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 8:2, p. 293-311.
- ALMEIDA, F. de (1972-1974) - Torre de Palma (Portugal): A basílica paleocristã e visigótica. *Archivo Español de Arqueología*. Madrid. 44-47, p. 103-112.
- BALDASSARE, I. (1996) - *Necropoli di Porto. Isola Sacra*. Roma: Istituto Poligrafico e Zecca dello Stato.
- BARATA, M. F. (1997) - O *Promontorium Sacrum* e o Algarve entre os escritores da Antiguidade. In *Noventa séculos entre a serra e o mar*. Lisboa: IPPAR, p. 117-136.
- BONOMI, L. (1964) - Cimiteri paleocristiani di Sofiana. *Rivista di Archeologia Cristiana*. Roma. 40, p. 169-220
- BRANDENBURG, H. (2004) - *Die frühchristlichen Kirchen in Rom vom 4. bis zum 7. Jahrhundert. Der Beginn der abendländischen Kirchenbaukunst*. Regensburg: Schnell & Steiner.
- CALZA, G. (1940) - *La necropoli del Porto di Roma nell'Isola Sacra*. Roma: Istituto Poligrafico dello Stato.

- EBEL-ZEPEZAUER, W. (2000) - *Studien zur Archäologie der Westgoten vom 5.-7. Jh. n. Chr.* Mainz: Philipp von Zabern.
- ENCARNAÇÃO, J. d' (1984) - *Inscrições romanas do Conventus Pacensis. Subsídios para o estudo da romanização.* Coimbra: Universidade.
- ENCARNAÇÃO, J. d' (1991) - A necrópole romana da Quinta de Marim (Olhão). A onomástica enquanto índice sociocultural. *Anais do Município de Faro*. Faro. 21, p. 229-241.
- ENCARNAÇÃO, J. d' (1993-1994) - Monumentos epigráficos romanos do Museu Municipal "Dr. Santos Rocha" (Figueira da Foz). *Conimbriga*. Coimbra. 32-33, p. 295-302.
- FIEDLER, U. (1992) - *Studien zu Gräberfeldern des 6. bis 9. Jahrhunderts an der unteren Donau.* Bonn: Habelt.
- FLÖRCHINGER, A. (1998) - *Romanische Gräber in Süds Spanien. Beigaben- und Bestattungssitte in westgotenzeitlichen Kirchennekropolen.* Rahden/Westf.: VML Verlag Marie Leidorf.
- FORNARI, F. (1906) - Nuove scoperte nella città e nel suburbio. Via Ostiense. Scavi nel cimitero di S. Ciriaco a Mezzocamino. *Notizie degli Scavi di Antichità*. Roma, p. 123-137.
- FÜLEP, F. (1984) - *Sopiana. The history of pécs during the Roman Era and the problem of continuity of the Late Roman population.* Budapest: Archaeologia Hungarica.
- GALLART, J.; GIRALT, J.; MIRÓ, J. M.; VIVES, E. (1991) - *L'excavació de l'església de Sant Martí de Lleida.* Lleida: Universitat.
- GRAEN, D. (2004) - Sepultus in villa – Bestattet in der Villa. Drei Zentralbauten in Portugal zeugen vom Grabprunk der Spätantike. *Antike Welt*. Mainz. 35:3, p. 65-74.
- GRAEN, D. (2005a) - Two Roman mausoleums at Quinta de Marim (Olhão): preliminary results of the excavations in 2002 and 2003. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 8:1, p. 257-278.
- GRAEN, D. (2005b) - The so-called "temples" at Milreu (Estói/Algarve), São Cucufate (Vila de Frades/Alentejo) and Quinta de Marim (Olhão/Algarve): a new interpretation of their function, based on actual excavations and iconographic studies. *Xelb*. Silves. 5, p. 73-84.
- GUERRA, A. (2002) - O Promontório Sagrado. In *Religiões da Lusitânia. Loquuntur saxa*. Lisboa: IPM, p. 43-44.
- GUYON, J. (1987) - *Le cimetière «Aux deux Lauriers». Recherches sur les catacombes romaines.* Roma: Ecole Française de Rome.
- MACIEL, M. J. (1996) - *Antiguidade tardia e paleocristianismo em Portugal.* Lisboa: edição do autor.
- MANTAS, V. G. (1997a) - As civitates: esboço da geografia política e económica do Algarve romano. In *Noventa séculos entre a serra e o mar*. Lisboa: IPPAR, p. 283-309.
- MANTAS, V. G. (1997b) - Os caminhos da serra e do mar. In *Noventa séculos entre a serra e o mar*. Lisboa: IPPAR, p. 311-326.
- MARTÍNEZ SANTA OLALLA, J. (1932) - *Excavaciones en la necrópolis visigoda de Herrera de Pisuerga (Palencia), Palencia.* Madrid: Junta Superior de Excavaciones y Antigüedades.
- PANI ERMINI, L. (1979) - Il territorio portuense dopo il quarto secolo alla luce degli scavi all'Isola Sacra. *Archeologia Laziale*. Roma. 2, p. 243-249.
- RIEMER, E. (1992) - *Romanische Grabfunde des 5.-8. Jahrhunderts in Italien.* Rahden/Westf.: VML Verlag Marie Leidorf.
- RODRIGUES, S.; BERNARDES, J. P. (2003) - *Per loca maritima: a via longitudinal do Algarve na Época Romana.* *Xelb*. Silves. 4, p. 135-144.
- ROLDÁN HERVÁS, J. M. (1975) - *Itineraria Hispana. Fuentes antiguas para el estudio de las vías romanas en la Península Ibérica.* Valladolid: Universidad.
- SANTOS, M. L. E. V. A. dos (1972) - *Arqueologia romana do Algarve*. Vol. II. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses.
- SASSE, B. (2000) - 'Westgotische' Gräberfelder auf der Iberischen Halbinsel am Beispiel der Funde aus El Carpio del Tajo (Torrijos, Toledo). Mainz: Philipp von Zabern.
- SCHATTNER, T. (1998) - *Archäologischer Wegweiser durch Portugal.* Mainz: Philipp von Zabern.
- SCHLUNK, H.; HAUSCHILD, T. (1978) - *Hispania antiqua. Denkmäler der frühchristlichen Zeit.* Mainz: Philipp von Zabern.
- SILVA, C. T. da; SOARES, J.; COELHO-SOARES, A. (1992) - Estabelecimento de produção de salga da época romana na Quinta do Marim (Olhão). Resultados preliminares das escavações de 1988-89. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 9-10, p. 335-374.
- TORRES, C. (1993a) - *Museu de Mértola. Basílica paleocristã.* Mértola: Campo Arqueológico de Mértola.
- TORRES, C. (1993b) - *Núcleo visigótico.* Beja: Museu Regional de Beja.
- TOVAR, A. (1976) - *Iberische Landeskunde. Die Völker und die Städte des antiken Hispanien, Bd. 2: Lusitanien.* Baden-Baden: Valentin Körner.
- ULBERT, T. (1978) - *Frühchristliche Basiliken mit Doppelapsiden auf der Iberischen Halbinsel: Studien zur Architektur und Liturgiegeschichte.* Berlin: Gebr. Mann Verlag (Archäologische Forschungen; 5).
- VASCONCELLOS, J. L. de (1905) - *Religiões da Lusitânia*. Vol. 2. Lisboa: Imprensa Nacional.
- VEIGA, S. P. M. E. da (1887) - *Antiguidades monumentaes do Algarve*. Vol. II. Lisboa: Typographia da Academia.